



Saberes integrados

Especialista destaca a união de conhecimentos entre prevencionistas e trabalhadores na melhoria dos ambientes

► Entrevista à jornalista Priscilla Nery

O português João Areosa ganhou fama mundial entre profissionais de SST, graças a seus estudos e artigos que abordam temáticas como riscos ocupacionais, acidentes de trabalho, segurança comportamental e o setor ferroviário. Após cursar Sociologia, ele realizou pós-graduação em Segurança, Higiene e Saúde no Trabalho, mestrado e doutorado em Sociologia do Trabalho nas Organizações. Há quase duas décadas, atua no Serviço de Saúde e Segurança Ocupacional do metrô de Lisboa, auxiliando os trabalhadores e a empresa na adoção de práticas de SST. “É o equivalente ao vosso engenheiro de Segurança do Trabalho. Em Portugal, este profissional pode vir de qualquer área de conhecimento, por isso é que eu posso exercer a atividade. Se pensarmos bem, os psicólogos podem contribuir para a melhoria das condições de trabalho, os sociólogos podem contribuir, os antropólogos também. Porque muitos dos acidentes e das doenças que ocorrem no mundo do trabalho acabam por estar, direta ou indiretamente, relacionados com interações sociais”, explica Areosa.

Além de atuar em empresa, o especialista é pesquisador no Centro de Investigação em Ciências Sociais da Universidade Nova de Lisboa, em Portugal e docente no ISLA. Areosa veio ao Brasil em junho e participou de vários eventos técnicos, a exemplo do 54º Encontro Presencial do Fórum Acidentes do Trabalho, realizado na Faculdade de Saúde Pública da USP, na capital paulista. Pautado pelo tema “Trabalho e Riscos no Transporte Ferroviário de Passageiros”, o sociólogo compartilhou sobre as particularidades, ocorrências e investigação de acidentes no setor.

Comente suas atividades como pesquisador no Centro Interdisciplinar em Ciências Sociais da Universidade Nova de Lisboa, em Portugal.

Para a dimensão de Portugal, esse centro é muito grande. Tem quase 250 pesquisadores e está cotado entre os três melhores centros de pesquisa do país. Na verdade, tenho uma atividade profissional muito diversificada. Sou do centro universitário, portanto dou aulas, faço pesquisa e ainda complemento minha atividade em uma empresa em que sou responsável pelo Departamento Técnico de Segurança Ocupacional. Meu dia é cheio de coisas. Trabalho no campo empresarial e no mundo acadêmico, ou seja, associo as duas práticas; não trabalho exclusivamente só na academia. Sendo só acadêmico, você acaba, por vezes, deslocado do mundo real e concreto. Quem está na empresa e quem está no mundo acadêmico complementa uma coisa com a outra, há vantagem nisso. Não quero perder essa ligação com o mundo empresarial, quero continuar a trabalhar numa empresa e, paralelamente, seguir com minha atividade no Centro de Investigação.

Quais trabalhos você tem desenvolvido como pesquisador?

Na academia, estou fazendo um pós-doutorado na área do erro humano em organizações de alto risco, que é um complemento de uma parte que eu tinha deixado em aberto na minha tese de doutorado - algo que percebi mais tarde que eu tinha que aprofundar. Porque os acidentes e as doenças ocupacionais têm uma vertente humana, e esta vertente é que precisa ser explorada. Ou seja, olhar e discutir o que é o erro humano e como o fator humano contribui para ocorrência de acidentes. Não com foco em uma perspectiva de penalizar, de culpabilizar o trabalhador. Essa é a visão antiga do erro humano. Utilizo essencialmente a nova visão, que não considera o erro humano como causa do acidente. Ou seja, o erro humano, articulado com outros fatores de risco, vai produzir o acidente, mas ele é só um aspecto entre muitos outros; por trás dele, existem muitos fatores que permitiram sua ocorrência. Então, já não é mais uma perspectiva culpabilizante do trabalhador. É, antes, entender toda a dinâmica do trabalho. Os fatores humanos são um dentre muitos

“*O erro humano é mais uma consequência das várias falhas organizacionais do que propriamente a principal causa do acidente*”

aspectos dentro da Segurança Ocupacional. Não há como fazer aquela relação direta em que o erro humano seria a principal causa do acidente. Na verdade, o erro humano é mais uma consequência das várias falhas organizacionais do que propriamente a principal causa do acidente. É essa perspectiva que é mais recente e também a mais desafiadora nesse momento. Esta visão não é dominante em Portugal, nem na Europa, ainda é um processo que está em discussão, é recente. Sabemos que há diferenças entre o conhecimento que é produzido na academia e o conhecimento utilizado dentro das empresas. As empresas ainda não usam essa nova perspectiva, a academia está dando os primeiros passos na análise do erro humano, a partir desse ponto de vista. Espero que, quando a academia produzir resultados mais sólidos sobre essa nova perspectiva, possa passar esta informação para as empresas.

Fale sobre a percepção dos trabalhadores quanto aos riscos ocupacionais. Isto produz impactos em seu comportamento?

Os riscos que as pessoas sentem e imaginam que estão expostas não são obrigatoriamente os riscos reais. Ou seja, há vieses nas apreciações de risco. A própria palavra 'percepção' já é um viés potencial, nem sempre igual à realidade. Como o processo não é igual à realidade, é bom conhecer as apreciações dos trabalhadores porque eles agem, comportam-se de acordo com as percepções que têm. Os seus comportamentos, suas atitudes, dependem das suas apreciações de risco, e nós temos que perceber quais são as suas percepções para tentarmos captar os vieses que eles têm. Por outro lado, as apreciações dos trabalhadores às vezes podem ser muito assertivas, correspondendo à realidade dos riscos. É por isso que o estudo de como é que eles vivenciam os riscos no local de trabalho, como é que eles desempenham as suas funções vai ajudar os prevenционistas a perceberem melhor o contexto do trabalho. Há muitos riscos identificados exatamente porque foi o trabalhador que informou ao especialista em segurança que o risco existia. O conhecimento dos especialistas em segurança e o conhecimento dos trabalhadores devem estar integrados. Deve haver uma aglutinação dos saberes de um e de outro. O resultado final vai ser bem mais assertivo e melhor do que se só tivéssemos usado o conhecimento do especialista. Porque o conhecimento do especialista também tem limitações, ele não sabe tudo. Principalmente quando ele está longe do chão de fábrica, há muitas coisas que ele não percebe. Se eu conversar com os trabalhadores, perceber como é que eles veem as suas atividades, quais são os riscos que eles percebem, será melhor. Muitas ve-



O gerenciamento da segurança deve ser realizado a partir dos especialistas, utilizando também o conhecimento dos trabalhadores, e assim será aperfeiçoado

zes, eles não se expressam da melhor forma, não conseguem identificar os riscos de uma forma mais assertiva. Mas se nós, prevenционistas, tentarmos interpretar o que eles estão querendo dizer, fica mais fácil entender a visão deles e integrar esta visão ao sistema de gestão de segurança. O gerenciamento da segurança deve ser realizado a partir dos especialistas, utilizando também o conhecimento dos trabalhadores, e assim será aperfeiçoado.

Qual a importância da investigação dos acidentes de trabalho?

Investigar os acidentes de trabalho é fundamental na atividade de Segurança Ocupacional, porque, quando investigamos um acidente, vamos conhecer e perceber o que correu mal. A análise de riscos consiste em projetar cenários negativos para o futuro, idealizar o que pode não dar certo, ou seja, olhar para a frente. Já quando fazemos a investigação do acidente, é exatamente o contrário. O evento já ocorreu, então investigar acidentes é como se estivéssemos a olhar para o retrovisor do nosso automóvel e ver o que está lá atrás. O problema é que, muitas vezes, a investigação de acidentes é como um labirinto muito complexo. Vamos num sentido, depois vemos que aquele trajeto que estávamos fazendo não tem saída, então temos que voltar atrás, tentar outro caminho. Normalmente, os acidentes são muito complexos, temos que tentar percorrer vários caminhos até chegar àquele que nos parece mais assertivo. Mas a investigação é útil exatamente por isso, porque ela nos permite compreender o que não deu certo, o que deu origem àquele desfecho que foi o acidente. Se tomarmos conhecimento do que deu errado, podemos tentar implementar medidas preventivas para que não ocorra novamente aquela situação. A investigação de acidentes serve essencialmente para evitar a recorrência de acidentes similares. Nem sempre isso é possível, a investigação de acidentes tem limitações, seja quanto ao método utilizado, equipe de pesquisa que fará a investigação, etc. Ela não é perfeita, mas a sua função primordial é exatamente conhecer os riscos que deram origem àquele acidente. Se conseguirmos compreender sua origem, vamos tentar evitar que ele ocorra novamente criando medidas preventivas.

Como e quando se iniciaram seus trabalhos no Serviço de Saúde e Segurança Ocupacional do metrô de Lisboa?

A pós-graduação que fiz em Segurança Ocupacional foi há quase 20 anos. Antes de ser pesquisador, eu já era trabalhador na área de segurança na empresa. Sempre estive ligado ao mundo empresarial. A minha função no metrô é o equivalente, aqui no Brasil, ao vosso engenheiro de segurança. Ou seja, desenho as políticas de segurança da empresa, faço análise de riscos, investigação de acidentes, definição dos Equipamentos de Proteção Individual, escolho como é elaborada a proteção coletiva dos trabalhadores, dentre outras coisas. É um Serviço de Saúde e Segurança Ocupacional. Todas as atividades são feitas por mim e por outros colegas, não sou o único, nós somos cinco pessoas lá no serviço. A equipe de Segurança Ocupacional do metrô de Lisboa é formada por excelentes profissionais, eu nunca conseguiria ter chegado aonde cheguei sem o apoio deles e sem as múltiplas discussões que fomos tendo ao longo dos anos. Isso é também um fator de enriquecimento. Nem sempre estamos de acordo uns com os outros, mas temos sempre debates e, a partir dos debates, vamos aprimorando as nossas reflexões. Sou muito grato aos meus colegas da empresa, porque ao longo desses anos todos temos discutido os problemas da empresa, a melhor forma de atuar do ponto de vista preventivo, como é que podemos fazer a investigação de acidentes e análise de risco. É uma equipe de trabalho muito coesa, e estou na empresa desde meados da década de 1990.

Quais as principais características do trabalho no setor metroviário e os riscos presentes no dia a dia dos trabalhadores do metrô de Lisboa?

As características são os riscos maiores que a organização tem. Trabalhamos com energia elétrica de alta tensão, ou seja, qualquer acidente pode rapidamente se transformar em um acidente fatal. Como o foco do metrô é o transporte de passageiros, temos o risco de atropelamento, por parte dos trabalhadores, porque eles têm que circular na via mesmo quando os comboios estão circulando. Isso é uma situação de risco muito elevada, qualquer distração ou lapso pode levar o trabalhador ao atropelamento. Tem também a movimentação de agulhas, que é quando o comboio passa de uma via para outra (como se fosse uma bifurcação). Para que o comboio realize o movimento de um sentido para o outro, há movimentação da agulha. Vamos supor que, de repente, um trabalhador esteja com o pé naquele aparelho. Aquilo tem um motor muito forte, para mover os trilhos. Então, há uma força

brutal, porque o trilho é muito pesado. Este trabalhador pode acabar com o pé esmagado. A empresa é muito grande, tem mais de 50 estações, vários edifícios. Por isso as condições de trabalho são muito dispersas, não são iguais para todos os trabalhadores. O pessoal das áreas administrativas está menos exposto aos riscos que podem afetar mais a integridade física, mas há também os riscos psicossociais. Há, por exemplo, um operário que faz manutenção da via férrea, que é um trabalho muito pesado, tem que carregar pesos, tem que movimentar cargas; tem o trabalho noturno, trabalho por turno, em sistema de rodízio. Então, tudo isso vem complicar a dinâmica do trabalho. Tem também os trabalhadores que são os eletricitistas de alta tensão, que estão expostos a riscos mais graves, embora a baixa tensão também possa matar. E, falando sobre baixa tensão, acredito que 85% dos trabalhadores estejam expostos a este perigo. Há ainda certas atividades em que o ruído é muito elevado; as vibrações dos equipamentos também são um aspecto a ser levado em conta; nos túneis nem sempre a iluminação é a melhor, e em alguns postos, há desorganização. Então, nas oficinas, os riscos são uns; na parte administrativa são outros, mas todos os locais de trabalho têm riscos, não há nenhum posto de trabalho em que o risco seja zero. Aliás, o risco zero é um viés da nossa mente, ele não existe. Os riscos estão em toda parte.

Como vocês atuam para reduzir os acidentes e doenças ocupacionais?

Uma das formas de prevenir e reduzir os acidentes é fazer análise de riscos. Elas servem para identificar as situações que podem causar lesões aos trabalhadores. E nesse processo de análise de riscos, vamos buscar também o conhecimento dos trabalhadores. Temos o nosso conhecimento técnico, mais especializado, mas vamos buscar o conhecimento dos trabalhadores. Fazemos a articulação deste conhecimento mais especializado e do conhecimento mais comum dos trabalhadores e, a partir disto, desenhamos todas as estratégias de prevenção e gestão dos acidentes. Claro que também fazemos a investigação do acidente, e ela nos serve exatamente para mostrar quais foram os riscos que estiveram na base da ocorrência daquele acidente. Na verdade, só ocorrem acidentes de trabalho e os trabalhadores só contraem doenças ocupacionais porque há riscos que deram origem àquelas situações. Há aqui uma dialética entre compreender o risco, identificar o risco, analisar o risco, gerir o risco e a investigação de acidentes, que identifica também muitos riscos que, às vezes, para nós, não estavam claros. Então, a análise de risco é uma atividade complexa que integra vários saberes, exige muita

observação nos locais de trabalho, implica muito diálogo com os trabalhadores. Estar lá, ver como é que eles fazem as coisas, que dificuldades eles têm ao desempenhar a sua função. O papel do prevencionista é estar junto ao trabalhador e perceber como é que ele executa o seu trabalho e, a partir daí, tentar melhorar as suas condições e a forma como o trabalho é executado. Toda a estratégia de prevenção vai nesse sentido, ou seja, tem todo esse manancial de conhecimento que é preciso ir aplicando e aprimorando, porque os riscos não são coisas fixas, as empresas não têm um risco permanente todo o tempo. Os riscos são dinâmicos, ou seja, há os que aparecem e outros que desaparecem. Quando controlamos, minimizamos ou até eliminamos um risco, podemos estar criando outros. Então, a análise de riscos e a investigação de acidentes são um trabalho que não tem fim. Sendo o mundo dinâmico, há sempre alterações, há sempre uma máquina que se vai degradando e então deixa de se comportar da mesma forma como se comportava alguns anos atrás. Há sempre a necessidade de ir reavaliando as coisas. É um trabalho constante, não para, exatamente porque o mundo é dinâmico, as relações de trabalho são dinâmicas. É preciso ir sempre olhando para elas, porque vão sofrendo alterações ao longo do tempo.

De acordo com sua experiência, como podemos levar os saberes da academia para dentro das empresas?

Essa é uma pergunta muito difícil. Não há fórmulas únicas e universais que funcionem sempre. Acho que faz sentido produzir conhecimento acadêmico e que esse conhecimento seja transferido para o mundo real das empresas. Agora, como é que podemos fazer essa transferência? De várias formas. Fazendo esse tipo de evento [encontro presencial do Fórum Acidentes de Trabalho], seminários, publicando livros, escrevendo artigos; vossa revista com certeza tem um papel muito importante na divulgação do conhecimento, quer para os especialistas em segurança, quer para os trabalhadores em geral. Não há uma única forma, há várias formas que, entre si, podem melhorar as coisas. Há outro aspecto: tudo depende da receptividade do prevencionista e do pró-

“*Os prevencionistas acham que todos os acidentes e todas as doenças podem ser evitados a partir da prevenção. Teoricamente sim; mas na prática, no mundo real do trabalho, isso não é possível*”

prio trabalhador. Fica difícil responder que a forma prevenir acidentes e doenças ocupacionais é esta ou aquela. Há várias coisas que podem ajudar, não há uma única que vá resolver o problema. É um viés da nossa mente pensar que, se eu fizer isso assim, a ocorrência do acidente de trabalho e das doenças ocupacionais acaba. O mundo não funciona assim. Aí entramos no domínio das crenças. Temos que criar políticas e avaliar a eficácia dessas estratégias. Tem que ser um conjunto de coisas. Melhorar o treinamento dos prevencionistas e do trabalhador é com certeza uma forma de melhorar a Segurança Ocupacional. Há vários caminhos e alguns deles, em determinados contextos, funcionam melhor. Por exemplo, um tipo de treinamento pode ser uma estratégia muito eficaz em uma organização, e em outra pode não funcionar. O mundo é cheio dessas coisas, cheio de adversidades. Não há uma estratégia única. Temos é que tentar entender qual é a estratégia que funciona na nossa organização. É mais fácil avaliar caso a caso do que propriamente tentar idealizar uma coisa muito ampla.

Que mensagem o senhor nos deixa?

Precisamos olhar os acidentes com muita objetividade, compreendendo também as suas subjetividades. A prevenção de acidentes de trabalho e doenças ocupacionais é uma matéria muito útil, porque ajuda a evitar perdas. Portanto, criar uma boa estratégia de prevenção é fundamental, é bom, reduz o número de acidentes e de doenças. Agora, não podemos criar a ilusão de que a prevenção resolve todos os problemas. Os prevencionistas não aceitam essa ideia de uma forma muito aberta, exatamente porque eles acham que todos os acidentes e todas as doenças podem ser evitados a partir da prevenção. Teoricamente sim; mas na prática, no mundo real do trabalho, isso não é possível. Então, quais são as boas e as más notícias? A boa é que, quanto mais e melhor prevenção de acidentes e doenças nós fizermos, tanto menos acidentes e menos doenças vamos ter. As más notícias são: existem os riscos, que são entidades onipresentes no mundo do trabalho. Nunca conseguiremos conhecer todos eles, sempre vão existir, independentemente da função e da área. E se há riscos, há sempre a possibilidade de acontecer um acidente. A prevenção nunca pode ser cem por cento eficaz exatamente por causa disto, porque os riscos estão sempre lá. Eliminamos um e podemos estar criando outro, ou eliminamos um e há ainda outro que não tínhamos visto. Tivemos acidentes no passado, continuamos a ter acidentes no presente e, infelizmente, vamos continuar a ter no futuro. O bom é que, quanto mais e melhor prevenção fizermos, menos acidentes vamos ter.